FOTOS:DIVULGAÇÃO

Roteiro de medos e prazeres da infância

■ O ATOR José Caldas, mineiro radicado há vários anos em Portugal, dá vida a todos os personagens levados à cena em *O Medo Azul*

MONTAGEM DO GRUPO PORTUGUÊS QUINTA PAREDE, *O MEDO AZUL* SERÁ ENCENADA PELO ATOR JOSÉ CALDAS HOJE E AMANHÃ EM SÃO LUÍS

A história do Barba Azul contada sem subterfúgios é a tônica do espetáculo *O Medo Azul*, do grupo português Quinta Parede. Encenada pelo artista José Caldas, a montagem está em cartaz hoje e amanhã no Teatro Alcione Nazaré (Praia Grande).

Baseado no conto de Charles Perrault, o espetáculo pretende reviver os grandes medos e prazeres da infância. Antes de levar *O Medo Azul* ao palco, o artista José Caldas participou, ontem, de um bate-papo com o público sobre o tema *Teatro, Escola, Comunidade*.

Com cenografia de Marta Silva e música de Miguel Rimbaud, *O Medo Azul* já percorreu, nesta temporada, os municípios do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Depois de São Luís, deverá seguir para a Bahia. Com três horas de duração, o espetáculo é apropriado para crianças a partir dos 4 anos, podendo ser assistido também por adolescentes e adultos. Em São Luís, a produção da peça é do Laborarte.

ESPETÁCULO

A versatilidade do contador de histórias José Caldas, que é natural de Minas Gerais e há muitos anos está radicado em Portugal, garante vida não apenas ao personagem principal, mas também à esposa, mãe, irmã e aos irmãos do Barba Azul.

Para tanto, o ator contará com seu talento, já que, no cenário, apenas com uma cadeira o acompanhará. O figurino se metamorfoseia ao longo do espetáculo, ajudando a criar personagens, espaços, emoções e atmosferas diferentes. A sonoplástia advém apenas da voz e de pequenos instrumentos percussivos, ruídos e suspiros.

José Caldas é ator, professor e diretor, fundador da Associação Cultural Quinta Parede, com a qual criou os espetáculos *O Rouxinol* - a partir do conto de Andersen; *Adamubies - Música Cénica*, baseado em vários autores; *Cordel – Histórias De Uma Escrita Falante*, a partir do cordel português e brasileiro; *Nojo*, de Robert Schneider, *Ou Isto Ou Aquilo*, baseado em Cecília Meireles.

SERVIÇO

[ESPETÁCULO]
■ *O Medo Azul*, com José Caldas, do grupo português Quinta Parede

[ONDE]
■ Teatro Alcione Nazaré (Praia Grande)

[QUANDO]
■ Hoje e amanhã, às 21h e 20h, respectivamente

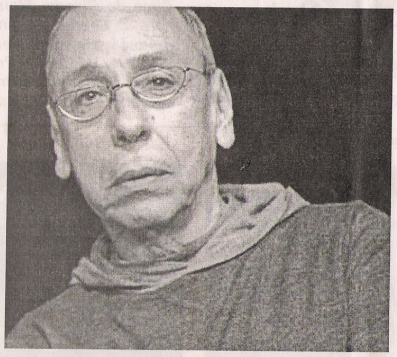
[INGRESSO]
■ R$ 10,00

Quem tem medo do Barba Azul?

Quem nunca ouviu histórias para dormir quando criança contadas pela mãe ou pela avó e ficou imaginando um mundo de fantasia que se 'materializava' nos sonhos? E quem já não teve pesadelos a partir destas mesmas histórias? Mas como pode o medo ser azul? O mundo da fantasia traduzido nos contos infantis é a tônica do espetáculo teatral 'Medo Azul', monólogo encenado pelo ator José Caldas, da companhia teatral portuguesa Quinta Parede. O espetáculo será apresentado este final de semana, no Teatro Alcione Nazaré, Praia Grande.

Baseado no conto 'Barba Azul', de Charles Perrault, o monólogo retrata o medo que permeia as fantásticas histórias e contos de fadas. No referido conto, um homem muito rico e que ostentava uma grande barba azul matava suas esposas e escondia os corpos em um aposento de sua casa. Seu segredo é descoberto pela jovem com quem se casara. Ao tentar matá-la é morto pelos irmãos dela.

José Caldas explica que escolheu este conto para denunciar a morte de mulheres por seus esposos em Portugal, que é freqüente e considerada cultura. "A sociedade portuguesa é patriarcal e extremamente machista. Os homens descarregam seus problemas e frustrações nas esposas. Estas, por sua vez, têm medo de denunciar. Isto me angustia e vi que a história do Barba Azul descreve bem esta situação", explica o ator, que remonta também o que ouvia de sua avó. "Pedia para que ela repetisse a história, e cada vez que ouvia meu medo crescia", explica.



José Caldas encena o monólogo ' O Medo Azul'

Projeto - 'O Medo Azul' será trabalhado em um projeto teatral a ser realizado em 2007 pelo grupo Quinta Parede, na cidade de Vila Real(Portugal). O projeto englobará educadores e estudantes no ensino de teatro, música, dança e cenografia, com objetivo de montar pequenas companhias de teatro na região."Esta iniciativa pode ser aplicada em qualquer local. Quero mostrar que é possível fazer teatro de qualidade com apenas um ator somado a elementos como cenário, sonoplastia e figurino", disse Caldas.

O ator - Brasileiro de Minas Gerais, José Caldas reside em Portugal desde a década de 60. Porém, por muitos anos morou no Rio de Janeiro, formando-se no Conservatório Nacional de Teatro; em Londres e Paris, onde fez cursos de teatro; e em São Luís desenvolvendo trabalhos com o grupo Laboarte.

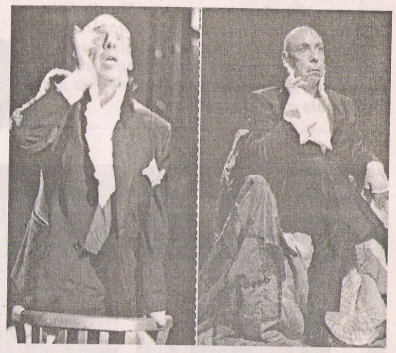
Realizou espetáculos no Rio de Janeiro e São Paulo, cidades do Nordeste, até fundar a cooperativa Sete Ofícios em Portugal e, posteriormente, o grupo Quinta Parede.

Em São Luís criou o projeto "Qual e a nossa" que trabalhava com menores de rua da capital maranhense, culminado em um espetáculo sobre a prostituição de menores. Esse intercâmbio rendeu trabalhos ao grupo Laborarte e Barrica em Portugal.

Participou de festivais nacionais e internacionais, entre eles o IV Intercâmbio de Linguagem que contou com grupos de Portugal, França, Peru e Canadá; Festival Unicamp (SP).

José Caldas é ator, dramaturgo, diretor e produtor teatral, animador cultural, escritor e professor.

A companhia - Criado há 10 anos, o grupo de teatro Quinta Parede é uma associação que desenvolve trabalhos na área cultural, social e dá suporte para publicações nos campos de atuação.



Momentos do espetáculo

A Quinta Parede é um projecto que pretende realizar com o seu jovem público um intenso atravessar desta metafórica zona de fronteira colocada entre o palco e a platéia, na convicção de que só a continuidade de tais "passagens" consinta a iniciação de uma eficaz relação teatral com as novas gerações e a criação de um público mais crítico e culto.

Sobre o cenário teatral local, José Caldas diz que 'a cultura maranhense é muito rica e atemporal, além de ser considerada patrimônio do mundo. Falta uma política pública que viabilize essas produções. A arte cênica contribui de forma significativa na formação de caráter e identidade social e política', conclui.

Diretor brasileiro faz carreira premiada na Europa introduzindo textos dos nossos escritores

Teatro infantil sem infantilidades

LUIZ SUGIMOTO
sugimoto@reitoria.unicamp.br

Teatro infantil é termo pejorativo em Portugal. Lá se diz teatro para a infância – e juventude – ou, mais respeitosamente ainda, teatro ao jovem público. Há mais de 30 anos vivendo naquele país, o ator e diretor brasileiro José Caldas afirma que infantis são as brincadeiras que fazem as crianças, mas que nem por isso se deve fazer para elas um teatro limitado a infantilidades, a exemplo do que vê na maioria dos espetáculos dirigidos a este público no Brasil. "Tenho muito respeito pelas crianças", pontua. Mineiro de Itanhandu, Caldas construiu uma carreira premiada adaptando e introduzindo textos de autores brasileiros como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Cecília Meireles e Clarice Lispector em palcos de Portugal, Itália, França e agora da Espanha. Orgulha-se de ter apresentado Lygia Bojunga Nunes à crítica portuguesa. Também recorre a outros sul-americanos como García Márquez e aos da terra como Agostina Bessa Luis, Miguel Torga e Manuel António Pina.

José Caldas critica estilo dos espetáculos para crianças no Brasil

Quando trabalhava com Ziembinsky, Antonio Abujamra e Vitor García no início dos anos 70, José Caldas usava o tempo livre para promover comícios relâmpagos contra a ditadura, nas ruas do Rio de Janeiro. Depois de preso, viu-se obrigado a ir embora para a França, onde trabalhou em hotel, estudou francês e mímica, morando em seguida na Inglaterra. Sentiu saudades na língua. Ao aportar em Portugal eclodia a Revolução dos Cravos e os artistas ocupavam casas vazias para transformá-las em teatros.

Foto: Antoninho Perri

O ator e diretor José Caldas no palco, em O Medo Azul: platéia especial com crianças do Prodecad, programa educativo voltado aos filhos de funcionários da Unicamp.

Caldas esteve na Unicamp no dia 3 de agosto, apresentando o espetáculo *O Medo Azul*, concebido a partir do conto *Barba Azul* de Charles Perrault, com intertextos dos irmãos Grimm e de *Barbe Rouge*, conto popular bretão. Veio a convite da amiga e professora Joana Lopes, do Departamento de Dança do Instituto de Artes, e acompanhado do ator e dançarino Alberto Magno, outro brasileiro (paulistano) que assimilou o sotaque português assim como o diretor com quem trabalha de longa data, inclusive como fotógrafo de muitas das montagens.

O Medo Azul fez parte da programação do Ano 40 da Unicamp, tendo uma platéia especial de crianças do programa educativo voltado aos filhos dos funcionários da Universidade (Prodecad). O diretor ainda participaria de um debate com alunos das Artes, mas horas antes já antecipava ao **Jornal da Unicamp** muito do que pensa sobre o teatro para infância e juventude. "Noto que no Brasil esse teatro torna-se cada vez mais um estilo, um gênero terrível, de texto inócuo e atores vestidos com rabos e orelhas", fulmina.

Na visão de Caldas, por conta deste estilo infantilizado e infantilizante, fazer teatro para o público jovem muitas vezes é visto como um trabalho menor, marginalizado e desprezado. "E nisto também me aproximo das crianças, que também marginalizadas como cidadãos, não têm direito a um teatro exclusivamente dedicado a elas", afirma. Ele pensa que o teatro para crianças e jovens não designa um modelo, uma estética, uma moral ou uma pedagogia, mas simplesmente um público. "Minhas criações têm se caracterizado por ser teatro apenas, com toda a sua complexidade artística e humana. O que muitas vezes tem gerado polêmica porque 'não são espetáculos para crianças' ou 'as crianças não entendem' – o adulto-centrismo que caracteriza a nossa sociedade vê nas crianças meros objetos para educar, ou seres amorfos, indefesos e engraçados", acrescenta.

Intertextos – É fato que autores brasileiros escolhidos pelo diretor não se consagraram escrevendo para crianças, embora às vezes o façam. Um recurso utilizado por José Caldas é a introdução de intertextos para facilitar a mensagem, o que fez ao montar *A Menor Mulher do Mundo*, de Clarice Lispector. "Eu estava angustiado com o racismo e achei que o texto servia muito bem, pois não falava da questão politicamente, mas poeticamente. Falava do sentimento de um explorador francês branco que encontra a menor mulher do mundo, uma pigméia negra, e se apaixona por ela. É um espetáculo extremamente natural, plasticamente forte e com o texto denso de Clarice. As crianças curtiram muito".

Caldas montou outros dois escritos da brasileira, *A Vida Íntima de Laura* e *A Mulher que Matou os Peixes*, onde se faz a discussão sobre a morte. Segundo Caldas, Clarice se transformou na fonte em que bebe a recente literatura feminina portuguesa, mas a crítica a considerava, definitivamente, imprópria para crianças. "Acontece que as reações eram espantosas. Quando escolas enviam suas crianças ao teatro, temos o costume de promover uma conversa no final. E as questões que elas levantam são fundamentais, filosóficas. No conto, a autora diz que matou os peixes porque eles não falam – um gato a arranharia para pedir comida, como os peixes não dão qualquer sinal, ela se esqueceu. No texto, ela pede perdão. No público, uma criança reagiu com personalidade: não te perdôo!".

Caldas lembra ainda a inusitada reação das crianças em *A Corda Bamba*, onde Lygia Bojunga Nunes conta a história de uma mendiga idosa que morre de tanto comer. A cena chocaria aos adultos, mas as crianças morreram de rir. *Barba Azul* e seus assassinatos em série também seria história imprópria para menores, mas o diretor quis discutir propositadamente a existência de assassinos, pois mesmo em Portugal cresce o número de mulheres mortas anualmente por seus maridos. "O marido mata a mulher no contexto onde estão as crianças", observa a professora Joana Lopes. "Eu não queria abordar o comezinho, arte não é para isso. Por isso recorri à história que minha avó contava, com todos os detalhes sangrentos, e misturei outras versões de Barba Azul. Por que não falar de assassinos com as crianças se eles por aí?", questiona o diretor.

Marketing – José Caldas apresentou *O Medo Azul* no último Encontro para Intercâmbio de Linguagem para Crianças, que reuniu no Rio grupos do Brasil, França, Canadá e Portugal. Assustou-se com a superficialidade do meio, onde a preocupação é obter verbas de patrocinadores como Petrobras, Telemar e prefeituras para produzir qualquer coisa. "Não existe uma filosofia por trás do teatro para o público jovem e os espetáculos são todos parecidos. Senti algo imoral, pois se gastou muito dinheiro para trazer esses grupos e pouquíssimas pessoas assistiram. Vi uma grande falta de respeito, puro marketing em cima das crianças. O cartaz do festival parecia coisa de *Chiquititas*, retratando uma criança tendo em volta um mundo de florzinhas".

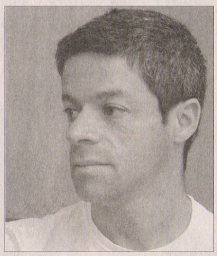
Depois da Unicamp, Caldas apresentaria sua peça em São Paulo, São Luís e Teresina. Sempre em salas de espetáculos, pois não gosta do recurso de percorrer escolas, em montagens improvisadas. "As crianças precisam ter acesso a um lugar de convívio social que o teatro lhes dá. Dentro de uma escola o espetáculo perde a metade da graça. E é bonito ver crianças que viram as sessões oferecidas a escolas durante a semana, trazendo pela mão os pais, irmãos e tios nos sábados e domingos".

Malhação e *Morangos com Açúcar*

A professora Joana Lopes, que foi crítica de teatro por anos, não vê os autores brasileiros tão preocupados em atingir crianças e jovens. Ela e o diretor José Caldas recordam, no entanto, de um momento muito estimulante no período de redemocratização do país, quando participaram do esforço para a criação do Centro Brasileiro de Teatro da Infância e da Juventude (CBTIJ), com bons autores e diretores despertando para esse público. "Mas aquela onda de esperança e de estímulo intelectual foi se esvaziando, no conteúdo e na forma, que foram substituídas por um olhar caritativo da arte em relação às crianças e adolescentes. Isso se espalhou pelo Brasil, o que faz parte da ideologia neoliberal", critica.

Joana Lopes observa que o teatro para adolescentes, por exemplo, é ausente, e que o espaço de comunicação reservado a eles é o programa *Malhação*, da *Rede Globo*, onde o cotidiano é muito bem situado na classe média. "No mais, tanto no teatro quanto na dança, os temas sobre as relações e indagações dos adolescentes inexistem", afirma. Segundo José Caldas, que durante dez anos participou de um projeto de teatro na escola em Portugal, o agravante no programa de televisão é o de refletir o que os adultos acham que os jovens são e pensam. "Os jovens têm as mesmas preocupações existenciais e filosóficas, problemas tão complexos como dos adultos e que nada têm a ver com as idiotices que aparecem na tela".

A professora Joana Lopes, do Instituto de Artes: "Único espaço de comunicação para entretenimento dos adolescentes é Malhação*"*



Alberto Magno, brasileiro radicado em Portugal: envolvido em atividades que vão da dança à organização de festivais.

A série *Malhação* foi exibida por muitos anos em emissoras de Portugal, mas o sucesso do momento é uma imitação, *Morangos com Açúcar*. "As novelas brasileiras influenciaram muito na forma de vestir, na dinâmica da linguagem, nas gírias", observa o ator e dançarino Alberto Magno, que saiu do Brasil em 1991 para dar aulas de dança na Alemanha e depois se radicou em Portugal, envolvendo-se em atividades diversas como teatro, coreografia, fotografia, organização de festivais e projetos em educação. Trabalhando muito com esse público, Magno explica que a idéia de um teatro para a infância e juventude, em termos artísticos e educacionais, ainda é muito recente em Portugal e mesmo em outros países da Europa. "As fronteiras são um tanto indefinidas, havendo inclusive mistura de linguagem, como do teatro com a dança e as artes".

No entanto, o diretor José Caldas ressalta que logo depois da Revolução dos Cravos fundou-se o Centro Português do Teatro da Infância e Juventude, com muito mais sucesso do que o centro brasileiro. "Conseguimos mudar a cara desse teatro no país. Participamos de uma associação internacional e promovemos anualmente um festival de grupos portugueses, com a participação de artistas de várias áreas para discutir o teatro da infância e juventude. Hoje raramente aparecem espetáculos infantilizados. Os artistas começaram a ser exatamente como são: artistas adultos que trabalham para o público jovem".

JORNAL DA UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas – 31 de julho a 6 de agosto de 2006

Instituto de Artes apresenta *O Medo Azul* para as crianças

Neste dia 3 de agosto, às 15 horas, no auditório do Instituto de Artes, a comunidade acadêmica terá a oportunidade de conhecer a obra do diretor luso-brasileiro José Caldas, com o espetáculo *O Medo Azul*, concebido a partir do conto *Barba Azul*, de Charles Perrault, com intertextos dos irmãos Grimm e de *Barbe Rouge*, conto popular bretão. O evento integra o conjunto de atividades que comemoram os 40 anos da Unicamp e será dedicado às crianças da comunidade, a partir de 4 anos. Foram especialmente convidadas as crianças do Prodecad – programa educativo voltado aos filhos dos funcionários da Universidade –, juntamente com os professores da educação fundamental.

Destaque na Europa, o diretor José Caldas vem para debate

Em seguida, o diretor e professor José Caldas coordenará um grupo de reflexão sobre o espetáculo composto por professores de arte, pedagogos, alunos de artes cênicas, que terão a chance de debater o teatro para infância e juventude do ponto de vista deste que é considerado um dos mais criativos diretores da atualidade na Europa.

José Caldas nasceu no Brasil e fez a vida profissional em Portugal, onde se radicou há trinta anos. Já dirigiu espetáculos na Itália, França e Espanha, todos premiados.

Responsável pela introdução da literatura brasileira para infância nos palcos europeus, Caldas encenou *A mulher que matou os peixes* e *A vida íntima de Laura*, de Clarice Lispector, *A bolsinha Amarela*, de Ligia Bojunga, *No país de Tatipirum*, de Graciliano Ramos,e *Andorinha Sinhá*, de Jorge Amado, entre outras. Esta viagem ao Brasil comemora os 30 anos de carreira do diretor, com espetáculos agendados para o Rio de Janeiro, São Paulo e São Luiz do Maranhão. *O Medo Azul* tem figurino cenográfico de Marta Silva e música de cena de Miguel Rimbaud.

Hildegard Angel

Hilde

hilde@jb.com.br

Invasão francesa

A cidade está repleta de franceses que chegaram para o **IV Intercâmbio de Linguagens. Damien Bouvet, Pascall Felmann, Jean Luc Ronget, Daniel Freçon, Vincent Pandavoline, Julian Lanaud, Claire Sinard** e **Michael Santos**, são os artistas convidados que vão apresentar, com suas companhias, espetáculos de teatro do objeto, de mãos, de sombras e de animação, no **Festival de Artes Cênicas,** voltado para crianças, adolescentes e adultos. Um mix de linguagens, o festival, que vai até dia 31, foi idealizado pela diretora de teatro **Karen Acioly** e traz ainda do exterior canadenses, peruanos e até um brasileiro!...

Isso mesmo. O representante de **Portugal** é um brasileiro brasileiríssimo e talentosérrimo, **José Caldas**, que há 30 anos brilha na terrinha com seu teatro dedicado ao jovem público. Não é só em **Portugal** que **José Caldas** coleciona aplausos. Seus espetáculos, produtos de sua fina sensibilidade que formam um público qualificado e exigente desde a infância, são apresentados com sucesso em toda a **Europa**, multiplicando boas críticas e premiações. No **IV Intercâmbio de Linguagens, Caldas** apresenta *O medo azul*, baseado no conto de **Charles Perrault**, O barba azul. O espetáculo bombou triunfal no último findi no **Teatro Maria Clara Machado**, no **Planetário**, e vai bombar de novo dias 29 e 30, no mesmo horário, às 11 da manhã. Levem as crianças e depois me agradeçam...

Com Sylvia de Castro e Mary Carvalho